



A Société Musicale Indépendante – SMI: uma alternativa ética?

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

Danieli Verônica Longo Benedetti*
UNESP/FAPESP – danieli-longo@uol.com.br

Resumo: O presente artigo, fundamentado em material de época, coletado no acervo privado de Charles Koechlin e da *Bibliothèque nationale de France-BnF* pretende uma reflexão sobre a *Société Musicale Indépendante – SMI*, sociedade musical francesa criada em 1909 por um grupo de compositores entre os quais Maurice Ravel, Charles Koechlin e Florent Schmitt, cujo principal objetivo foi promover a música contemporânea sem distinção de escola e nacionalidade. O texto é segmento de pesquisa de Pós-Doutorado amparada pela FAPESP.

Palavras-chave: Musicologia. Maurice Ravel. Associações musicais. Compositores. Imprensa.

Société Musicale Indépendante – SMI

Abstract: This article, based on material time, collected in the private collection of *Charles Koechlin* and *Bibliothèque nationale de France - BnF* intends to reflect on the *Société Musicale Indépendante - SMI*, French music company created in 1909 by a group of composers including Maurice Ravel, Charles Koechlin and Florent Schmitt, whose main objective was to promote contemporary music without distinction of school and nationality. The text is part of postdoctoral research sponsored by FAPESP.

Keywords: Musicology. Maurice Ravel. Music associations. Composers. Press.

A *Société Musicale Indépendante – SMI*, idealizada por Maurice Ravel (1875-1918) e criada em 1909 por um grupo de compositores entre os quais Charles Koechlin (1867-1950), Florent Schmitt (1879-1958) e o próprio Ravel, foi uma associação engajada em promover a música contemporânea sem distinção de escola e nacionalidade. A *SMI* foi criada a partir do desentendimento desses compositores junto a *Société Nationale de Musique – SNM*, criada em 1871, esta com o objetivo de divulgar a música contemporânea porém restrita aos compositores franceses. O descontentamento desses compositores em relação ao número crescente, dentro da *SNM*, de membros e de obras apresentadas pelos alunos da *Schola Cantorum* – dirigida pelo compositor Vincent d’Indy (1851-1931), também presidente da *SNM* - seria responsável pela criação de um novo agrupamento capaz de questionar e perturbar tal hegemonia. Assim, após serem recusadas, pelo comitê da *SNM*, várias obras de Maurice Ravel e de seus alunos, o compositor deixa a *Société Nationale* e funda uma nova sociedade dita independente, na qual o principal objetivo seria divulgar uma música contemporânea livre de qualquer tipo de imposição.

Idealizada e liderada por Maurice Ravel a *Société Musicale Indépendante - SMI* lutaria por uma maior abertura de espírito e para que a música francesa refletisse as tendências

de uma época e pudesse igualmente conhecer as tendências musicais vindas de outras culturas. Contrariando a *SNM*, a estética defendida pela *SMI* foi a de uma total abertura à toda forma de pesquisa em matéria de linguagem musical. Por meio da organização de temporadas de concertos essas associações foram responsáveis pela estreia de um número impressionante de composições que eram selecionadas por um comitê formado por seus dirigentes.

Ao contrário da *Société Nationale de Musique – SNM*, que possui um importante e organizado acervo (de posse da *Bibliothèque nationale da France – BnF*) o mesmo não é válido para a *Société Musicale Indépendante - SMI*. A documentação produzida por esta importante sociedade musical é praticamente inexistente. A Biblioteca nacional da França possui apenas alguns de seus programas de concertos, classificados como “*BnF, Musique, Programmes de la SMI*” – fonte primária para esta pesquisa - e constituíram importante meio de investigação no sentido de compreender os critérios de seleção para as obras apresentadas, conhecer os membros do comitê e tirar algumas conclusões sobre o seu funcionamento e sua existência que se estendeu de seu primeiro concerto, em 20 de abril de 1910, ao último datado de 3 de maio de 1935.

Outra importante fonte de investigação foi o acesso, em ocasião de estágio de pesquisa de campo, ao arquivo particular do compositor, musicólogo, crítico e escritor francês Charles Koechlin, um dos fundadores da *SMI*, arquivo este de posse da *Médiathèque Musicale Mahler* em Paris. Neste extenso arquivo foi possível a leitura e a transcrição manual – pois diferente da *BnF* a mediateca não autorizou a reprodução de nenhum dos documentos solicitados - da correspondência mais significativa trocada entre Koechlin e os fundadores da *SMI* durante o período em questão; artigos de sua autoria publicados e os que permaneceram em rascunho, sobre os acontecimentos relacionados a associação; artigos de outros autores selecionados por Koechlin, em particular as crônicas de Pierre Lalo para o jornal *Le Temps* nos quais fazia severas críticas à *SMI*; escritos autobiográficos; textos de conferências; outros documentos e anotações pessoais do período pesquisado. Não foram encontrados neste acervo privado nenhum documento referente ao Estatuto da *SMI*, atas das reuniões do comitê e de seu funcionamento. Fato que nos leva acreditar que a *Société Musicale Indépendante - SMI* não teve o mesmo cuidado de sua concorrente, a *Société Nationale de Musique - SNM*.

Fonte fundamental de pesquisa, visto a escassez de documentos produzidos pela *SMI*, foi também uma minuciosa investigação da extensa produção deixada pela imprensa da época. A busca por informações relacionadas ao funcionamento e ao conflito entre as sociedades que se tornaram rivais, *SNM* e *SMI*, foram publicadas sobremaneira pelas revistas



Le Mercure de France, *Le Guide Musicale*, *La Revue Musicale*, pelos jornais *Comoedia* e *Le Temps* e constituíram material imprescindível para este trabalho.

Menciono ainda o livro “*L’Avant-garde musicale à Paris de 1871 à 1939*” de Michel Duchesneau (1997), trabalho referencial sobre as sociedades musicais criadas entre 1871 e 1939 entre elas a *SNM* e a *SMI*.

Não existe uma data que precise a fundação da *SMI*. Uma carta de Maurice Ravel endereçada a Charles Kochlin em 16/01/1909 nos aponta o início desse agrupamento.

Meu caro amigo,
Minha mudança de endereço é a causa de não ter recebido sua carta de segunda-feira. Você já deve então saber que não faço mais parte do comitê [referindo-se ao comitê da *SNM* do qual fazia parte], com exceção de Schmitt, perfeitamente homogêneo. As Sociedades, mesmo as nacionais, não fogem às leis da evolução. Somente somos livres de nos retirar. E foi o que fiz enviando, pelo correio, minha demissão de societário. Apresentei três obras de meus alunos, entre as quais uma particularmente interessante. Como as outras, esta foi recusada. Não oferecia as sólidas qualidades de incoerência e tédio batizadas pela *Schola Cantorum* de construção e profundidade. Soube que você também não foi julgado digno de figurar entre os Coindreux e outros Crèvecoeurs¹. Existiria uma forma de vos consolar? Eu empreendo formar uma nova sociedade, mais independente, pelo menos no início. Esta ideia seduz algumas pessoas. Você gostaria de ser um dos nossos? Neste caso seria útil que nos encontrássemos, seja na minha ou na sua casa. Se decidir, marque você mesmo um encontro. Apresente minhas respeitadas homenagens à Sra. Koechlin, cordialmente...

Maurice Ravel (ORENSTEIN, 1989, p. 101)

Em 1 abril de 1910 é publicado pela revista *Le Mercure de France* um breve texto, sem nome de autor, que anuncia a chegada da nova sociedade. O texto, que inicia com uma crítica indireta à *Société Nationale de Musique*, expõe ainda seus objetivos e as motivações para sua criação; os nomes dos membros do comitê; endereço para as adesões, para os envios de manuscritos a serem avaliados e pedidos de execução; valor da cotização anual com direito a três lugares para cada concerto; a previsão de cinco concertos para a primeira temporada e ainda a data e local do concerto inaugural da *Société Musicale Indépendante*. Segue a tradução do texto de abertura da *SMI*.

SOCIÉTÉ MUSICALE INDÉPENDANTE

Apesar dos progressos em relação ao gosto musical em nosso país e o número relativamente elevado de sociedades de concerto, a abundância e a variedade da produção musical contemporânea são tais que a criação de novos órgãos de difusão artística tornam-se cada dia mais necessários.

Sem desconhecer os preciosos serviços dedicados à nossa arte a partir de sociedades musicais ativas e dedicadas, é necessário lamentar que as mais promissoras entre elas não puderam escapar – ranço inevitável do sucesso – a uma certa especialização. Criar um meio livre onde todas as tentativas artísticas, sem distinção de gênero, de nacionalidade, de estilo nem de escola, serão bem recebidas, onde todas as forças de nossa jovem geração se unirão fraternalmente para colocar a disposição de todos os meios de execução mais perfeitos possíveis, seja música de orquestra ou de música de câmara, tal é o objetivo que se propõe atingir a SOCIÉTÉ MUSICALE INDÉPENDANTE.



Procurando particularmente favorecer as mais jovens tendências e preparar o futuro, a SOCIÉTÉ INDÉPENDANTE não excluirá de seus programas as obras do passado as quais a revelação poderá ser interessante.

A administração artística da SOCIÉTÉ INDÉPENDANTE será assegurada pelo comitê, sob a presidência efetiva do Sr. Gabriel Fauré, Diretor do Conservatório.

O comitê: GABRIEL FAURÉ, Louis AUBERT, André CAPLET, Roger DUCASSE, Jean HURÉ, Charles KOECHLIN, Maurice RAVEL, Florent SCHMITT, Emile VUILLERMOZ.

Secretário Geral: A-Z-MATHOT.

Enviar as adesões, as assinaturas, os manuscritos e os pedidos de execução ao Secretariado Geral da Sociedade, 11, rue Bergère, - Tel: 23431.

A cotização anual dos membros da Sociedade foi fixada a 30 francos, dando direito a 3 lugares para cada concerto.

Os cinco primeiros concertos para esta temporada serão dados alternadamente entre a Salle GAVEAU e a Salle ERARD. O primeiro concerto está fixado em 20 de abril, Salle GAVEAU.

Dentre o material de imprensa consultado, a coluna de Louis Vuillemin publicada pelo jornal *Comoedia* será uma grande aliada da *SMI*. Um breve artigo de sua autoria, intitulado *Une heureuse initiative artistique - La Société Musicale Indépendante*², publicado às vésperas do primeiro concerto, anuncia a chegada e as intenções da *SMI*, enfatizando a vocação desta no sentido de incentivar e divulgar a nova geração de compositores. Geração esta que estaria sendo ignorada pela *Société Nationale* por ter se transformado numa espécie de “sucursal”³ da *Schola Cantorum*, privilegiando os alunos formados pela doutrina de Vincent d’Indy em detrimento da nova geração de alunos saídos do Conservatório, entre os quais os fundadores da *SMI*. Charles Koechlin relembra o fato em texto encontrado em seu arquivo pessoal intitulado “*Quelques souvenirs sur ma situation et mes activités dans le monde musical*”⁴: “E a *Nationale*, devo reconhecer, prestou os maiores serviços à música contemporânea francesa – até o dia em que ela se dedica mais particularmente em colocar a luz os músicos, de pouco brilho na verdade, que saiam da *Schola Cantorum*.”

Assim, idealizada e liderada por Maurice Ravel a presidência da *SMI* seria estrategicamente confiada a Gabriel Fauré, na época professor de composição do Conservatório e, juntamente com seus discípulos, Charles Koechlin, Louis Aubert, Roger Ducasse, Émile Vuillermoz e os críticos Louis Laloy, Louis Vuillemin e Jean Marnold, lutariam por uma maior abertura de espírito e para que a música francesa refletisse as tendências de uma época e pudesse igualmente conhecer as tendências musicais vindas de outras culturas. Certamente a nomeação de Gabriel Fauré como presidente da *SMI* seria questionável, uma vez que continuava como membro da *SNM*. Possivelmente Fauré com essa nomeação e seu duplo envolvimento pretendeu declarar seu descontentamento com o funcionamento da *SNM* aliada a *Schola Cantorum*.

Claude Debussy (1862-1918) também seria convidado à participar da nova sociedade, onde daria em primeira audição inúmeras de suas obras. Koechlin escreve: “Debussy, pelo qual temos todos a maior simpatia (e a *SMI* era um pouco *S.A.D Société de l’Art Debussyste*) fica de fora; imagino que ele tenha preferido não fazer parte do comitê se não pudesse ter a presidência”⁵.

Apesar da *SMI* ter sido formada por dissidentes da *SNM* o modo de funcionamento da nova sociedade será baseado na sua rival. Conforme relata Koechlin, um comitê de leitura selecionava as obras a serem apresentadas em sua programação.

Eu fazia então parte do comitê da *SMI*, (eu havia pedido demissão da *Nationale*). Devo confessar que de modo geral o comitê pouco me escutava, penso eu. Gostaria de programas melhor elaborados, e um comitê de leitura mais compreensivo. Desejaria que por revezamento cada membro do comitê organizasse um concerto e decidisse o programa; mas a decisão permanece (e não discutimos a decisão) do comitê de leitura, o qual se mostra às vezes inclinado a acolher obras sem interesse, mas “bem feitas”, e outras vezes obras bastante severas por serem estranhas, porém mais pessoais e interessantes.⁶

De acordo com o estatuto da *SNM*, três membros de seu comitê eram renovados a cada ano, padrão que não seria seguido pela *SMI*. De acordo com a análise dos programas de concertos da *SMI*, o comitê inicial permanece praticamente o mesmo até o seu desaparecimento em 1935. Possivelmente, o envelhecimento conjunto desse grupo diretorial seria um dos motivos que levaria a extinção da sociedade. Koechlin reflete sobre o assunto:

Durante a guerra de 1914-1918, onde imediatamente após irá se desencadear o movimento dos Seis, era então que a *SMI* deveria acolher com os braços abertos Milhaud, Satie, Honegger, em seu comitê, e rejuvenescer o sangue. Mas a parte Roussel e eu, os membros do comitê se mostraram hostis em relação aos novos jovens.⁷

Portanto, ainda a partir dos programas de concertos da *SMI* é possível observar, que apesar desse comitê fundador não se renovar ele irá agregar novos membros. Teremos assim, além dos nomes relacionados anteriormente, a presença dos compositores Gabriel Grovlez (1879-1944), Desiré-Émile Inghelbrecht (1880-1965), Léon Moreau (1870-1946), Léo Sachs (?), René Chalupt (1885-1957) e ainda, diferenciando-se radicalmente de sua rival, a presença de membros compositores estrangeiros, o italiano Alfredo Casella (1883-1947) e os espanhóis Manuel de Falla (1876-1946) e Joaquin Turina (1882-1949).

A partir de 1921, a presença cada vez mais significativa de compositores estrangeiros agregados ao comitê seria certamente o motivo que levaria a criação de um comitê estrangeiro. Com a morte de Gabriel Fauré, em 4 de novembro de 1924, Maurice Ravel assume a presidência da *SMI* e a partir daí veremos o comitê se dividir em: ‘comitê de direção’ e ‘comitê estrangeiro’. Além dos membros mencionados anteriormente teremos a

chegada ao ‘comitê de direção’ (formado apenas por compositores franceses) de Philippe Gaubert (1879-1941), Arthur Honegger (1892-1955), Jacques Ibert (1890-1962), Léon Moreau (1870-1946), Albert Rousseau (1869-1937) e Nadia Boulanger (1887-1979). O ‘comitê estrangeiro’ seria formado por Béla Bartók (1881-1945), Alfredo Casella, Georges Enesco (1881-1955), Blair Fairchild (1877-1933), Manuel de Falla, Eugene Goossens (1893-1962), Joseph Jongen (1873-1953), Arnold Schoenberg (1874-1951), Igor Strawinsky (1882-1971), Karol Szymanowski (1882-1937), Joaquin Turina e Charles Kiesgen (?). No texto referencial de Charles Koechlin⁸, o compositor nada menciona sobre a presença de todos os membros inscritos nas sessões de leitura do comitê, porém deixa claro que as decisões eram tomadas por ele mesmo, Nadia Boulanger, Léon Moreau, Maurice Ravel, Louis Albert (1840-1910), Florent Schmitt e Albert Roussel (1869-1937) e Léo Sachs. Segue frente do programa do último concerto da *SMI* (de número 169) que aconteceu em 3 de maio de 1935, onde é possível ler os nomes do último ‘comitê de direção’ e do ‘comitê estrangeiro’.



Fig. 1: *Bibliothèque nationale de France – BnF, Musique, Programmes de la SMI*

Assim como a *SNM*, para que um compositor pudesse submeter uma de suas composições à avaliação do comitê de leitura da *SMI*, esse deveria inicialmente estar inscrito e em dia com a cotização da associação, que abre suas portas em 1909 com uma anuidade de **30 francos** dando direito ainda a “3 entradas para cada concerto” (ver texto de abertura *SMI*).

Porém, ao contrário da *SNM*, a *SMI* precisou durante todo seu percurso lutar com grandes dificuldades para se manter. A *Société Musicale Indépendante* nunca recebeu nenhum tipo de ajuda do Estado, contrário a *SNM* que a partir de seu segundo ano de existência, já em 1873, passa receber anualmente uma subvenção do Estado. Nesse sentido, a cobrança de uma cotização superior a de sua rival – de sua fundação até 1914 a cotização da *SNM* foi acrescida

de 24 para 25 francos anuais (BnF Rés. 2483 (3)) – seria uma forma de arrecadação mais substancial por parte dos societários, que constituíam a única fonte de renda da associação. Esse modo de funcionamento obrigatório à sua manutenção mostrou-se em alguns momentos falho, no sentido em que a *SMI* era muitas vezes obrigada a aceitar a filiação de compositores-mecenas, dispostos a apresentar suas obras na programação da associação, obras que na maioria das vezes não teriam a unanimidade do comitê de leitura. Koechlin menciona o nome de Léo Sachs como um dos exemplos de compositores-mecenas associados a *SMI*.

Porém, ao longo do tempo, a *Société Musicale Indépendante* infelizmente deixou de ser independente. O dinheiro estava faltando, cada vez mais; aceitamos o apoio eventual de Léo Sachs, músico honorável, dotado, mas sem qualquer personalidade, comerciante de profissão em pérolas finas, e muito rico. Mas seu apoio foi pago, assim algumas vezes colocamos Léo Sachs nos programas.⁹

Outro fato lembrado por Koechlin nesse sentido, seria uma espécie de favorecimento às obras do editor-compositor Jacques Durand, o qual a editora patrocinava e publicava vários dos compositores membros da *SMI*. Charles Koechlin escreve:

Enfim, a *SMI*, às vezes se transformava um pouco em “Société Durand”, porque contávamos no comitê Ravel, Louis Albert, Florent Schmitt, Roussel [esses compositores tinham um contrato de exclusividade com as *Editions Durands*]; a tal ponto que aceitamos “porque isso o agradaria”, executar uma obra qualquer de Jacques Durand, e um dia aconteceria uma bela confusão: de fato, Nadia Boulanger, Léon Moreau e eu, recusamos 3 melodias humorísticas que nos pareceram insignificantes. Elas eram de P.O. Ferroud! Eu não sabia quem era Ferroud, (e se soubesse isso não teria mudado minha forma de ver as coisas). Ferroud gozava de uma alta consideração na casa editora Durand; aluno de F. Sch. [Florent Schmitt], amigo de Louis Aubert, ele era para eles um personagem considerável. E eis que nós o recusávamos na *SMI*. Escândalo! Os “durandistas” exigiram uma nova sessão do comitê, com a revisão de nosso julgamento. E assim admitimos as melodias de Ferroud.¹⁰

A programação da *Société Musicale Indépendante* foi bastante irregular. As temporadas de concertos aconteciam de janeiro a junho (algumas temporadas tiveram seu início em dezembro) e, de seu início até a Grande Guerra, o número de concertos organizados oscilaram de 1 (no ano de 1915) a 12 (em 1914). Em 1916, os eventos relacionados a guerra, entre os quais a mobilização em massa dos franceses ocasionaram uma paralização em todo tipo de programação cultural e assim como a *SMI* todas as sociedades de concertos tiveram suas atividades suspensas. Com o final da Guerra é possível observar uma intensa retomada de suas atividades e uma média de dez concertos anuais seriam realizados.

A contribuição da *SMI* à música sinfônica foi visivelmente inferior a da *SNM*. Certamente as dificuldades financeiras enfrentadas pela associação seriam determinante à essa constatação, e durante sua existência apenas 4 concertos foram dedicados à produção sinfônica (09/06/1910, 07/06/1911, 14/06/1912 e 17/06/1912).



Assim, a música de câmara constitui o essencial de sua programação. As formações nela apresentadas seguiam, de modo geral as mesmas apresentadas pela *SNM*, ou seja: sonatas para piano em duo com outros instrumentos (violino, violoncelo, flauta, etc), obras para piano solo e a 4 mãos, quartetos de corda, trios, quartetos e quintetos para cordas com piano mas também melodias para voz e piano. É possível observar ainda uma atenção especial à formações menos tradicionais como a transcrição de Charles Koechlin para as *Deux Pièces Javanaises* do Sultanato de Yoggakarta dada em primeira audição em 04/05/1910, para flauta, piccolo, violino, celesta, harpa, xilofone, órgão, gongo, tímbalos, triângulo e piano; o *Septuor* para cordas vocais e instrumentais de André Caplet dado em primeira audição no concerto de abertura da *SMI*, em 20/04/1910; os *Trois Poèmes de Stéphane Mallarmé* de Maurice Ravel para duas flautas, dois clarinetes, quarteto de cordas piano e voz, dada em primeira audição em 14/01/1914 sob a direção de Desiré-Émile Inghelbrecht; entre outros.

Considerações Finais

Apesar da problemática aqui levantada, a estética defendida pela *SMI* foi a de uma ampla abertura à toda forma de pesquisa em matéria de linguagem musical. Uma análise da programação nos permite observar que a seleção da obras apresentadas seguia um critério segundo uma orientação estética definida por seus fundadores e simpatizantes, reunindo obras dos mais variados períodos e culturas, enfatizando a produção de seus contemporâneos porém sem distinção quanto a nacionalidade. Sobre os fundamentos defendidos pela *SMI*, Koechlin declara em seu texto *Société Nationale – Schola Cantorum – SMI* que os princípios da nova sociedade “consistem em procurar uma verdade de expressão junto a liberdade da forma em relação as regras e aos usos, - com o respeito absoluto ao instinto musical. É isso justamente o essencial do que nós chamamos de independência” (KOECHLIN, 1916).

Referências

- DUCHESNEAU, Michel. *L'avant garde musicale à Paris de 1871 à 1939*. Hayen: 1997.
- ESTATUTO da *Société Nationale de Musique - SNM*. Paris: Arquivos da *Bibliothèque nationale de France*, BnF - Rés. F. 994 (D4).
- KOECHLIN, Charles. *Quelques souvenirs sur ma situation et mes activités dans le monde musical*. Paris: Arquivos Charles Koechlin-ACK, *Écrits autobiographiques*, 8. Paris: SD, 20f.
- _____. *Société Nationale - Schola Cantorum – SMI*. Texto de Conferência de 24/02/1916. Paris: Arquivos Charles Koechlin, - ACK, 91f.
- _____. *Souvenir sur Debussy, la Schola et la SMI*. Paris: La Revue Musicale, 15, 150 (11/1934), p. 246.
- ORENSTEIN, Arbie. *Lettres et entretiens - Maurice Ravel*. Paris: Flammarion, 1989.
- SOCIÉTÉ MUSICALE INDÉPENDANTE*. Paris: *Mercurie d France*, 84, 307, 1/04/1910, 575.



PROGRAMAS de Concertos da *Société Musicale Indépendente. Programmes de la SMI*. Paris: Arquivos da *Bibliothèque nationale de France, BnF – Musique*.

VUILLEMIN, L. *Une heureuse initiative artistique - La Société musicale Indépendante*. Paris: Comoedia, 15/04/1910, p. 2.

* Danieli Verônica Longo Benedetti é Pós-Doutora, Doutora e Mestre pela ECA/USP/FAPESP. Especialista no ensino do piano pela *École Normale de Musique de Paris - ENMP* e em interpretação pianística pelo *Conservatoire National de Strasbourg - CNRS*, França. Bacharel em música - piano, pela UNESP. Realizou estágios de pesquisa no Departamento de Música da *Bibliothèque nationale de France – BnF*, onde obteve acesso a todo acervo restrito referente às pesquisas desenvolvidas. Autora do livro “Obras de Guerra – A produção musical francesa durante os anos da Primeira Guerra Mundial” AnnaBlume/FAPESP 2013. Atualmente é professor substituto de piano no Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista – IA/UNESP.

¹ A *Société Nationale* apresentou as obras de Pierre Coindreau e Louis de Crèvecoeur, compositores desconhecidos do meio musical parisiense, alunos de composição da *Schola Cantorum*, instituição de ensino musical privada, fundada por Vincent d’Indy, nome de peso dentro da SNM. No mesmo período *Temples*, primeiro dos *Études Antiques* para orquestra de Charles Koechlin seria recusado pelo comitê de leitura da SNM.

² Uma feliz iniciativa artística – A *Société Musicale Indépendante*

³ Termo usado por Charles Koechlin, referindo-se à SNM, em artigo publicado pela *Revue Musicale* em 1934.

⁴ Algumas lembranças sobre minha situação e minhas atividades no mundo musical. Archives Charles Koechlin-ACK. O texto foi transcrito e traduzido integralmente a partir da versão datilografada (pelo próprio autor), está classificado como “*Écrits autobiographiques*”, não está datado, tampouco paginado e a versão manuscrita conta 20 folhas. De acordo com o ACK os textos autobiográficos e de conferências de Charles Koechlin eram inicialmente manuscritos, o compositor os mantinha juntos a versão datilografada como suporte de referência.

⁵ ACK, *ibid.*

⁶ ACK, *ibid.*

⁷ ACK, *ibid.*

⁸ ACK, *ibid.*

⁹ ACK, *ibid.*

¹⁰ ACK, *ibid.*